

O Acento na Evolução do Latim Clássico para o Latim Vulgar

Laura Rosane QUEDNAU
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

1 Introdução

No presente trabalho, discutimos duas propostas de análise para o acento em latim clássico, pelo troqueu mórico e pelo troqueu irregular, argumentando em favor da segunda e desenvolvendo a idéia de que, na mudança acentual do latim clássico ao latim vulgar, o troqueu irregular é substituído pelo troqueu silábico. Para tanto, valemo-nos da Fonologia Métrica, cujos pressupostos serão brevemente resumidos.

Vejamos primeiramente como é o acento em latim segundo os estudos tradicionais.

2 Acento em Latim Clássico

Em latim, como em português, o acento não ultrapassa as três últimas sílabas da palavra. Ao contrário, porém, do português, o acento nunca recai sobre a última sílaba, não havendo, pois, oxítonos de mais de uma sílaba. Da mesma forma, todos os dissílabos são paroxítonos.

As palavras de três ou mais sílabas têm sua acentuação determinada pela quantidade da penúltima: quando esta é breve, o acento recua para a sílaba precedente, sendo a palavra proparoxítona; quando, porém, for longa a penúltima sílaba, sobre ela recai o acento, sendo a palavra paroxítona (FARIA, 1970, p. 135; MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1956, p. 256; WILLIAMS, 1975, p. 15-16; NUNES, 1969, p. 33; ILARI, 1992, p. 74). Vejamos os exemplos:

- (1)
- palavras de três ou mais sílabas:
 - a) com a penúltima longa:
fidélis, fortitúdo, religiósus, magístra, turbulénta
 - b) com a penúltima breve:
fácilis, fémína, amicítia, víola, impérium
 - palavras de duas sílabas:
sílva, úmbra, rósa, hómo, líber
 - palavras monossílabas:
spé, sús, sól, vír, cór

3 Acento em Latim Vulgar

O acento em latim vulgar recai normalmente sobre a mesma sílaba que era portadora do acento em latim clássico. Há, no entanto, deslocamentos em três situações principais (MAURER JR., 1959, p. 68-69; WILLIAMS, 1975, p. 16; ILARI, 1992, p. 74-75):

a) Vogal da penúltima sílaba seguida de um grupo consonântico de oclusiva + r em palavras de três ou mais sílabas. Em latim clássico, a posição do acento depende nesse caso da quantidade da vogal, seguindo a regra de acentuação geral do latim clássico: *íntegrum*, *tónitrum*, *álacrem*, *ténebras*, *cólubra*. Já em latim vulgar, o acento cai sempre nessa sílaba: *intégrum*, *toníttrum*, *alácrem*, *tenébras*, *colóbra*.

b) Casos de recomposição (compostos). Em latim clássico, a acentuação dessas formas se regia pela mesma regra de quantidade da penúltima sílaba, que se observava nas palavras simples. Isso quer dizer que, se o último elemento dissilábico de um composto tinha a primeira sílaba breve, o acento tônico deste recuava para a antepenúltima sílaba, portanto para o primeiro elemento; em latim, geralmente um prefixo: *cóntinet*, *récipit*. Já em latim vulgar, recupera-se a acentuação da palavra simples, o que equivale a deslocar o acento dos afixos para o radical, ou seja, *cóntinet* é reanalisado em *cum + ténét*, prevalecendo a acentuação da forma simples *ténét*, *contínet*.

c) *ě* ou *ř* (breves) em hiato na antepenúltima sílaba, com uma vogal seguinte breve. Em latim clássico, o *ě* ou *ř* (breves) eram

acentuados de acordo com a regra de quantidade latina: muliere, filiólus, lintéolum. Já em latim vulgar, o acento desloca-se para a vogal seguinte: muliére, filiólus, linteólum.

4 Fonologia Métrica

Utilizando as concepções de estruturas hierarquizadas da Fonologia Não-linear, a Fonologia Métrica permite que se obtenha uma representação mais adequada da sílaba e que se apreendam os padrões de acento que podem ser encontrados nas línguas. A partir das novas concepções de Liberman e Prince (1977), o acento, que antes era atribuído a vogais e era descrito de uma forma linear, passa a ser entendido como o resultado da estruturação hierárquica dos constituintes prosódicos, cujas unidades básicas são a sílaba, o pé e a palavra, o que reflete uma descrição não-linear do acento.

Dentro da Fonologia Não-linear, em especial dentro da Fonologia Métrica, o acento não é mais considerado como uma propriedade de um segmento, mas, sim, como o resultado de uma relação de proeminência entre as sílabas. Dessa forma, é fundamental estabelecer as estruturas possíveis dos constituintes métricos e a localização do acento a partir da segmentação das sílabas das palavras nesses constituintes, que são chamados de pés. O acento, então, é decorrente da maneira como as sílabas se organizam em pés métricos. O objetivo principal da teoria, portanto, é determinar os tipos de pés possíveis nas línguas e no que eles podem colaborar para que as explicações sobre o acento sejam simples e satisfatórias, sempre buscando princípios gerais que estão por trás das línguas particulares, dentro das especificidades de cada uma. Apresentamos, nas seções seguintes, de forma resumida, os pressupostos da Fonologia Métrica que nos serão úteis no presente estudo.

4.1 A Sílaba

A sílaba é fundamental na atribuição do acento, pois muitas línguas fazem distinção entre sílabas leves e pesadas. Um exemplo

bastante utilizado para demonstrar essa distinção é a regra de acento do latim, conforme mostra Hayes (1992, p. 51). Em latim, uma sílaba é pesada se contém uma vogal longa ou se ela é fechada por consoante; de outra forma, é leve. Palavras com a penúltima sílaba pesada recebem acento na penúltima; palavras com a penúltima leve recebem acento na antepenúltima; e em todos os casos em que uma palavra for muito curta para obedecer a essas leis, o acento recai tão longe quanto possível para a esquerda, como vimos nos exemplos em (1). O peso silábico desempenha um papel importante na atribuição do acento, pois, em muitas línguas, as sílabas pesadas atraem o acento. Nesse caso, o acento é sensível ao peso silábico, como vimos no exemplo da regra de atribuição do acento em latim.

4.2 A Extrametricidade

Outra noção importante dentro da teoria métrica é a da extrametricidade, um recurso utilizado para adequar a palavra prosódica ao domínio das regras gerais de atribuição do acento. Um elemento periférico, marcado por colchetes angulados, pode tornar-se temporariamente invisível para as regras de construção de constituintes, não exercendo nenhum papel na atribuição do acento.¹

A extrametricidade desempenha um papel de extrema importância em línguas como inglês, holandês, polonês, estoniano, macedônio e outras. Em latim, a sílaba final é sempre extramétrica.

Exemplos: *fidē<lis>* *turbulēn<ta>*
 facī<lis> *imperī<um>*

4.3 O Inventário dos Pés Métricos

Com o objetivo de descrever todos os sistemas acentuais das línguas do mundo, Hayes vem aperfeiçoando, desde 1980, uma

¹ Para maiores detalhes, ver Hayes, 1992, p. 59.

$$(4) \text{ Iambo: } \begin{array}{ccc} (.x) & & (x) \\ \sim & \text{ou} & - \\ \sigma & & \end{array}$$

O iambo tem cabeça à direita, o que o diferencia dos troqueus. Os sistemas de acento que optam pelo iambo são sistemas com constituintes binários de cabeça à direita, sendo que esses constituintes podem ser compostos por uma sílaba leve e outra leve ou pesada (primeiro caso) ou apenas por uma sílaba pesada (segundo caso).

Para a segmentação dos pés, os sistemas de acento das línguas podem adotar a direção da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita. Além disso, a forma de segmentação dos pés pode ser iterativa ou não. Se a segmentação for iterativa, formam-se quantos pés forem necessários até o término da palavra, acarretando atribuição de acentos secundários; se for não-iterativa, forma-se apenas um pé na palavra. O acento primário da palavra é determinado pela aplicação da Regra Final, que cria, a partir da proeminência relativa entre os pés de uma palavra, um outro constituinte na linha final da grade, atribuindo acento ao cabeça de pé mais à esquerda ou mais à direita na palavra, dependendo da língua em questão.

Hayes (1992, p. 91) propõe uma análise do acento em latim através do troqueu mórico. Em trabalho anterior, entretanto, Hayes (1981) propôs que o acento em latim fosse caracterizado como um pé sensível à quantidade e com cabeça à esquerda, que tem a seguinte forma:

$$(5) \text{ Pé sensível à quantidade e com cabeça à esquerda} \\ \begin{array}{ccc} (x.) & & (x) \\ \sigma \sim & \text{ou} & \sigma, \text{ onde } \sigma \text{ é pesada} \end{array}$$

Esse pé é chamado de troqueu irregular, irregular porque os dois lados do pé podem ser desiguais, como em / \sim / (pé constituído por uma sílaba pesada mais uma sílaba leve), ou iguais, como em / \sim / (pé constituído por duas sílabas leves), ou ainda ser constituído por

apenas uma sílaba, que deve ser pesada. Essa proposta foi abandonada posteriormente por Hayes, sendo substituída pela supracitada.

Veremos qual é a proposta de análise mais adequada para o acento em latim clássico, pelo troqueu mórico ou pelo troqueu irregular.

4.4 O Pé Degenerado

Os pés inventariados por Hayes (1992) são binários, formados por duas sílabas ou duas moras, como vimos acima. Entretanto, às vezes ocorre a formação de pés menores, os chamados pés degenerados, que podem ser definidos, à primeira vista, conforme Hayes (1992, p. 85), como sílabas leves únicas em sistemas que respeitam peso silábico (iambos e troqueus móricos) e sílabas únicas em sistemas insensíveis à quantidade (troqueus silábicos). São esses os menores pés logicamente possíveis nesses sistemas:

(6) a) Troqueu silábico

(x)

σ

b) Troqueu mórico

(x)

\sim

c) Iambo

(x)

\sim

Se pés degenerados não forem permitidos na língua em questão, muitas palavras incluirão sílabas não-escandidas, que simplesmente serão deixadas como perdidas. Por outro lado, se pés degenerados forem permitidos, tais sílabas terão sua formação de pé como em (6). Em latim, não são admitidos pés degenerados, isto é, palavras monossílabas lexicais são sempre pesadas, seja por terminarem em vogal longa, seja por terminarem em consoante.

5 Atribuição do Acento em Latim Clássico

Para a atribuição de acento, precisamos, além do tipo de pé, de outros parâmetros. Todas as línguas românicas têm proeminência relativa à direita. Dessa forma, dentro do constituinte, ou seja, o pé métrico binário, o cabeça é à esquerda (troqueu), mas, dentro da palavra, a proeminência relativa é à direita (Regra Final).² A construção dos pés deve dar-se da direita para a esquerda, como ocorre em toda língua de recursividade à direita, e não-iterativamente, ou seja, constrói-se um único pé. É necessário lembrar ainda que só a penúltima e a antepenúltima sílabas da palavra, a contar da direita, têm condições de receber o acento, já que, em latim, há apenas proparoxítonas e paroxítonas; por isso, a sílaba final é sempre extramétrica. Temos, então os seguintes parâmetros:

- (7) Parâmetros do acento em latim clássico
 - a) Tipo de pé: troqueu (mórico ou irregular – nesse caso, os resultados são iguais);
 - b) Direção de escansão: da direita para a esquerda;
 - c) Regra Final: à direita;
 - d) Construção dos pés: não-iterativamente;
 - e) Extrametricidade: sílaba final.

Com base nos parâmetros em (7), adotaremos as seguintes regras de construção de constituintes para a atribuição de acento em latim clássico:

- (8) Regras de atribuição de acento em latim clássico
 - a) Marque a sílaba final como extramétrica (EX);
 - b) Da direita para a esquerda, construa um único troqueu (mórico ou irregular) (TR);
 - c) Aplique a Regra Final (RF).

² A Regra Final cria um novo constituinte na linha final da grade métrica, atribuindo acento ao cabeça de pé mais à esquerda ou mais à direita na palavra, dependendo da língua em questão.

Daqui por diante, quando nos referirmos às regras em (8), utilizaremos EX, TR e RF para, respectivamente, (8a), (8b) e (8c).

5.1 Acento em Palavras de Três ou Mais Sílabas

Em palavras de três sílabas ou mais, o acento em latim é atribuído à penúltima sílaba, se pesada; do contrário, à antepenúltima, independentemente do seu peso. Vejamos como se pode dar conta disso sob duas análises, pelo troqueu mórico e pelo troqueu irregular, seguindo as regras em (8):

- (9) a) Escansão dos pés pelo troqueu mórico, onde TR = troqueu mórico

	<i>mă gīs tram</i>	<i>tem pēs tā tem</i>	<i>im pĕ rī um</i>
EX	<tram>	<tem>	<um>
TR	(x)	(x)	(x .)
RF	(x)	(x)	(x)
	<i>ă nĭ mam</i>	<i>sān guĭ nem</i>	<i>flū mĭ na</i>
EX	<mam>	<nem>	<na>
TR	(x .)	(x)	(x)
RF	(x)	(x)	(x)

- b) Escansão dos pés pelo troqueu irregular, onde TR = troqueu irregular

	<i>mă gīs tram</i>	<i>tem pēs tā tem</i>	<i>im pĕ rī um</i>
EX	<tram>	<tem>	<um>
TR	(x)	(x)	(x .)
RF	(x)	(x)	(x)

	<i>ǎ nĩ mam</i>	<i>sān guĩ nem</i>	<i>flũ mĩ na</i>
EX	<mam>	<nem>	<na>
TR	(x .)	(x .)	(x .)
RF	(x)	(x)	(x)

Como vemos nos exemplos acima, em palavras de três sílabas ou mais, uma análise pelo troqueu mórico ou pelo troqueu irregular faz as mesmas predições de acento, resultando estruturas métricas iguais no caso de palavras com a penúltima pesada, (x) em *magístram* e *tempestátem*, e no caso de palavras com a penúltima leve e a antepenúltima leve, (x .) em *impérium* e *ánimam*, mas estruturas métricas diferentes no caso de palavras com a penúltima leve e a antepenúltima pesada, (x) pelo troqueu mórico e (x .) pelo troqueu irregular em *ságuinem* e *flúmina*. Essa diferença em estrutura métrica será discutida de forma mais detalhada na seção 5.4.

5.2 Acento em Palavras de Duas Sílabas

Em palavras dissílabas, que recebem acento sempre na penúltima sílaba, podemos encontrar uma das quatro seqüências abaixo, considerando a distinção entre sílabas leves e pesadas:

- (10) a) / ~ ~ / b) / ~ - /
 c) / - ~ / d) / - - /

Uma vez que a sílaba final é extramétrica em latim, seja sob uma análise pelo troqueu mórico, seja sob uma análise pelo troqueu irregular, a escansão em pés das seqüências em (10a) e (10b) é problemática, pois a sílaba que sobra é leve e formaria um pé degenerado, o que não é permitido em latim. Por outro lado, as seqüências em (10c) e (10d) não apresentam problemas, pois, mesmo com extrametricidade da sílaba final, a sílaba que sobra forma um pé canônico, sob o ponto de vista tanto de uma análise pelo troqueu mórico, quanto de uma que utiliza o troqueu irregular.

Hayes (1992, p. 108) propõe que nos casos de seqüências do tipo /˘ σ/ (ou seja, (10a) e (10b)), as palavras recebam acento de superfície por um processo de incorporação, ou seja, um pé degenerado é construído, mas imediatamente reparado pelo acréscimo da sílaba extramétrica a ele. Isso cria um pé canônico /˘ ˘ / no caso de (10a), mas um pé não-canônico /˘ ˘ –/ no caso de (10b). Esse problema é resolvido através de um processo de encurtamento muito comum em latim e que pode ser atestado através dos textos poéticos latinos, sendo encarado como uma regra opcional mas bastante produtiva.

(11) Encurtamento Iâmbico (EI)

/˘ –/ → /˘ ˘ /

Nas palavras afetadas por EI, a sílaba final terminada em vogal longa (ou seja, sílaba pesada) é convertida em sílaba leve (terminada em vogal curta)

Mester (1994, p. 16) levanta uma questão importante sobre o Encurtamento Iâmbico, que considera interagir com a exigência geral de extrametricidade da sílaba final em latim. Considerando a suspensão da extrametricidade, devido à inclusão da sílaba final no domínio do acento, não fica claro por que o pé não é erigido na sílaba final em primeiro lugar (antes de ocorrer o Encurtamento Iâmbico), já que a Regra Final em latim se aplica à direita. Isso resultaria acento final, como em (12a), ao invés do resultado desejado (12b):

(12)	a)	(x)	b)	(x)
			(x)		(x	.)
			<i>*homō</i>		<i>homō</i>	

A solução apontada por Mester para essa questão se ampara em uma análise mais refinada da extrametricidade e consiste em interpretá-la como um conjunto ordenado de preferências: sob extrametricidade, é melhor para uma sílaba final permanecer completamente não-escandida; se a escansão não puder ser evitada

(devido a uma restrição dominante que persiste no status de palavra prosódica), a opção seguinte é que essa sílaba não seja cabeça de pé; a pior solução é tal sílaba final ser indicada como cabeça de pé (o que acontece somente quando inteiramente inevitável, como em monossílabos). A extrametricidade final, então, pode ser vista como uma explicação da idéia tradicional de que finais de palavras tendem a constituir posições prosodicamente fracas. Mester (1994, p. 17) apresenta o ordenamento dessas duas restrições relacionadas com extrametricidade final como segue:

- (13) Extrametricidade da sílaba final: $\langle \sigma \rangle \#$
Para $\sigma \#$: a) evite cabeça de pé,
b) evite escansão.

Em (13), a extrametricidade é dividida em duas restrições separadas, com a proibição do status de cabeça de pé ordenada acima da proibição de inclusão de pé: uma violação de (13a) é mais custosa do que uma violação de (13b). Retornando ao exemplo em (12a) e (12b), notamos que as restrições como propostas em (13) resolvem o problema. A necessidade de um pé canônico (sob a ótica tanto do troqueu mórico quanto do troqueu irregular) implica que a penúltima sílaba leve sozinha, sem a sílaba final, não pode constituir um pé. Isso força a inclusão da sílaba final no pé, em violação de (13b); é ainda preferível obedecer a (13a) e manter o cabeça de pé fora da sílaba final, resultando (12b) ao invés de (12a).

Considerando todas as observações feitas até agora sobre palavras dissílabas em latim, vejamos como ficam as estruturas métricas dessas palavras.

Para a atribuição do acento em palavras com as seqüências em (10a) e (10b), propomos o acréscimo de mais duas regras às regras em (8):

- (14) a) Se a sílaba que sobra não constituir um pé canônico, mas um pé degenerado, incorpore material extramétrico,

considerando o ordenamento da atuação das restrições em (13) (IN).

b) Aplique a regra de Encurtamento Iâmbico se houver contexto para tal (seqüência / \sim -/) (EI).

A aplicação das regras em (8), onde EX = Marque a sílaba final como extramétrica (8a); TR = Da direita para a esquerda, construa um único troqueu (mórico ou irregular) (8b); RF = Aplique a Regra Final (8c), juntamente com as duas regras em (14), onde IN = (14a) e EI = (14b), produz as estruturas métricas abaixo:

(15)	a) Seqüência / \sim \sim /	
	ro sa	lu pa ³
EX	\sim < \sim >	\sim < \sim >
TR	*(x)	*(x)
IN	\sim \sim	\sim \sim
	(x .)	(x .)
EI		
RF	(x)	(x)
	b) Seqüência / \sim -/	
	ho mo	si mul
EX	\sim <->	\sim <->
TR	*(x)	*(x)
IN	\sim -	\sim -
	(x .)	(x .)
EI	\sim \sim	\sim \sim
	(x .)	(x .)
RF	(x)	(x)

³ A desinência -a em latim pode ser breve (correspondendo a uma sílaba leve) ou longa (correspondendo a uma sílaba pesada) dependendo do caso da palavra em questão, nominativo ou ablativo, respectivamente. Nesses exemplos estamos considerando que as palavras estão no caso nominativo.

c)	Seqüência /- ˘ /		
	sil va	um bra ⁴	
EX	- <˘ >	- <˘ >	
TR	(x)	(x)	
IN			
EI			
RF	(x)	(x)	
d)	Seqüência /- -/		
	man da	lau do	
EX	- <- >	- <- >	
TR	(x)	(x)	
IN			
EI			
RF	(x)	(x)	

Note-se que, em (15a) e (15b), a condição para a formação de um troqueu não foi satisfeita, o que é indicado pelo asterisco no pé degenerado. Por isso, a incorporação do material extramétrico (14a) é necessária. No caso de (15b), ainda não satisfeita a condição, uma vez que o material extramétrico incorporado constitui uma sílaba pesada, a regra de Encurtamento Iâmbico (14b) é aplicada. Por outro lado, em (15c) e (15d), não há necessidade de aplicação das regras em (14a) e (14b), pois a sílaba que sobra (após se marcar a sílaba final como extramétrica) preenche as condições para a formação de um pé troqueu canônico.

A adoção do troqueu mórico ou do troqueu irregular para a atribuição do acento em palavras dissílabas em latim produz os mesmos resultados, pois a seqüência formada por duas sílabas leves (/˘ ˘/), exemplos em (15a) e (15b), têm a mesma estrutura métrica, (x .), em ambas as análises; isso também ocorre em relação aos exemplos em (15c) e (15d), cujo pé que se forma sob uma sílaba pesada (/ -/)

⁴ A mesma observação feita anteriormente sobre a desinência -a de rosa e lupa vale para esses exemplos.

apresenta a mesma estrutura métrica, (x), tanto pelo troqueu mórico quanto pelo troqueu irregular.

5.3 Acento em Palavras Monossílabas

Em latim, não há palavras monossílabas lexicais formadas por uma sílaba leve. Em palavras monossílabas lexicais, vogais longas e ditongos podem ocorrer em posição final, mas vogais curtas somente podem ocorrer quando seguidas por, no mínimo, uma consoante. Vejamos alguns exemplos:

- (16) a) *spē*
b) *bōs, iūs, mās, ōs (ōris), pēs, sāl, sōl, sūs*
c) *vīr, mēl, fēl, cōr, ōs (ossis), rēm, spēm*

Dos monossílabos que constam de (16), todos recebem acento, seja por terminarem em vogal longa (exemplo em (16a) – padrão CCVV), seja por terminarem em consoante (exemplos em (16b) e (16c) – padrão CVVC e CVC, respectivamente, dependendo da quantidade da vogal). Portanto, as palavras monossílabas lexicais são sempre pesadas, isto é, em latim não são admitidos pés degenerados (formados por uma única sílaba leve). Partículas enclíticas, como -que, -ne, -ve, não recebem acento, uma vez que constituem monossílabos leves, terminados em uma sílaba curta.

Vejamos agora como ficam as estruturas métricas dos monossílabos a partir da aplicação das regras em (8).

(17)	<i>spē</i>	<i>bōs</i>	<i>sāl</i>	<i>vīr</i>	<i>rēm</i>
EX					
TR	(x)	(x)	(x)	(x)	(x)
RF	(x)	(x)	(x)	(x)	(x)

Para a atribuição do acento de monossílabos em latim, a adoção do troqueu mórico ou do troqueu irregular produz os mesmos

resultados, ou seja, um pé formado por uma única sílaba pesada, cuja estrutura métrica é (x).

5.4 Em Defesa do Troqueu Irregular

Apresentamos nesta seção os argumentos em defesa de uma análise do acento do latim clássico pelo troqueu irregular: primeiro, o processo de síncope pode ser entendido como o apagamento do membro fraco de um pé; segundo, a redução de vogal, uma das partes envolvidas no processo de síncope, é típica de línguas caracterizadas por pés de duração irregular; terceiro, a evolução do latim clássico para o latim vulgar pode ser vista como uma mudança de um sistema de acento marcado para um não-marcado. Esses argumentos foram utilizados por Jacobs (1990) para mostrar que o troqueu mórico deve ser substituído pelo troqueu irregular na análise do acento em latim clássico. Admitimos, seguindo Jacobs, que o pé que caracteriza o padrão acentual em latim clássico é o troqueu irregular, mas, diferentemente do autor, que refere a mudança de um sistema marcado para não-marcado em relação à evolução do latim clássico para o francês antigo, atribuindo acento lexicalizado ao latim vulgar, propomos que a mudança de sistema marcado para não-marcado se dá na evolução do latim clássico para o latim vulgar, sendo o acento neste último período caracterizado pelo troqueu silábico.⁵

Como vimos até agora, uma análise pelo troqueu mórico ou pelo troqueu irregular faz as mesmas predições de acento em latim clássico, mas resulta estruturas métricas diferentes no caso de palavras com a penúltima sílaba leve, com diferença de peso na antepenúltima: pesada em, por exemplo, *sānguinem* e *flūmina*, e leve em, por exemplo, *impĕrium* e *ānimam* (exemplos da seção 5.1). Sob uma análise que adota o troqueu irregular, essas palavras apresentam estruturas métricas iguais, (x .), pois o troqueu irregular não leva em

⁵ Esses argumentos são apresentados de forma mais detalhada em Quednau, 2000, p. 167-178.

conta o peso da antepenúltima sílaba. Já sob uma análise que adota o troqueu mórico, essas palavras ficam com estruturas métricas diferentes, (x) para sanguinem e flumina, e (x .) para animam e imperium. Como a antepenúltima sílaba de sanguinem e flumina é pesada, a sílaba seguinte não pode ser incluída no pé, pois, dessa forma, o limite de duas moras seria ultrapassado e, no inventário de Hayes (1992), só são permitidos pés binários, dissílabos ou bimóricos. Além disso, Hayes (1992, p. 90) ressalta que a penúltima sílaba deve ser pulada nesses casos para evitar pés degenerados.

Uma vez que o troqueu irregular e o troqueu mórico são igualmente bem-sucedidos no que diz respeito à atribuição de acento em latim clássico, é necessário verificar se há motivação independente que sustente a diferença de constituição de pé entre formas como animam e sanguinem pelo troqueu mórico, (x .) e (x), respectivamente, ou se há evidência independente em favor da constituição de pé pelo troqueu irregular, de acordo com a qual formas tais como animam e sanguinem têm estrutura métrica idêntica, (x .). Para tanto, é necessário examinar um processo sensível ao acento. Se um processo desse tipo trata tais formas da mesma maneira, deve haver evidência para a estrutura métrica idêntica, de acordo com o troqueu irregular, mas se um processo discrimina essas formas, isso argumenta em favor da estrutura métrica diferente, de acordo com o troqueu mórico.

Um processo de síncope, sensível ao acento, que ocorreu em latim vulgar,⁶ apagou as vogais penúltimas postônicas em proparoxítonas.

Silva Neto (1946, p. 140) afirma que a queda da vogal postônica é um dos caracteres mais sugestivos do latim vulgar e que a causa desse fato deve encontrar-se na preponderância, cada vez maior, do elemento intensivo do acento latino. Os exemplos são inúmeros; a

⁶ Segundo Nunes (1969, p.13), a queda da vogal postônica ocorria já em latim clássico, continuando a ocorrer em latim vulgar. Em nosso entendimento, isso significa que o processo tomou como forma-base a forma clássica.

tendência é geral e repete-se hoje nos dialetos. Dentre as citações do *Appendix Probi*,⁷ encontramos algumas que atestam a queda da vogal postônica.

(18)	speculum non speclum	calida non calda
	masculus non masclus	frigida non fricda
	vetulus non veclus	oculus non oclus
	vitulus non viclus	tabula non tabla
	vernaculus non vernaclus	stabulum non stablum
	articulus non articlus	capitulum non capiclum
	baculus non vaclus	viridis non virdis
	angulus non anglus	tribula non tribla
	iugulus non iuglus	vapulo non baplo

Vejamos como ficam as estruturas métricas de algumas das palavras acima⁸ sob uma análise pelo troqueu irregular (19a), e sob uma análise pelo troqueu mórico (19b). As vogais afetadas pelo processo de síncope encontram-se sublinhadas.

(19)	a) Escansão dos pés pelo troqueu irregular, onde TR = troqueu irregular		
	<i>ān</i> <i>gŭ</i> <i>lum</i>	<i>vĭ</i> <i>rĭ</i> <i>dem</i>	<i>trĭ</i> <i>bŭ</i> <i>lam</i>
EX	<lum>	<dem>	<lam>
TR	(x .)	(x .)	(x .)
RF	(x)	(x)	(x)

⁷ Curioso glossário anônimo destinado a corrigir possíveis desvios da norma culta da língua que deveriam estar se tornando comuns. O texto do *Appendix Probi* encontra-se em Silva Neto, 1946.

⁸ Resolvemos colocar todos os exemplos no caso acusativo, caso do latim vulgar que deu origem ao léxico na maioria das línguas românicas. Não incluímos o m nos exemplos em latim vulgar em vista de sua queda.

b) Escansão dos pés pelo troqueu mórico, onde TR = troqueu mórico

	<i>ān</i>	<i>gǔ</i>	<i>lum</i>		<i>vī</i>	<i>rĭ</i>	<i>dem</i>		<i>trī</i>	<i>bŭ</i>	<i>lam</i>
EX			<lum>				<dem>				<lam>
TR	(x)				(x .)				(x)		
RF	(x)		(x)		(x)

As formas resultantes desse processo são anglu < angulum, virde < viridem, tribla < tribulam. De acordo com as representações em (19a), a síncope pode ser entendida como o apagamento do membro fraco de um pé. Por outro lado, em (19b) não é possível fazer essa generalização, uma vez que há diferença de constituição entre os exemplos, formando-se uma estrutura do tipo (x) quando a antepenúltima sílaba é pesada, e (x .) quando a antepenúltima sílaba é leve. Vemos, então, que há motivação independente para a constituição de pé baseada no troqueu irregular, como mostra (19a), pois, assim, a síncope pode ser entendida como um processo baseado no pé.

Se o processo de síncope trata as vogais da penúltima sílaba de angulum, viridem e tribulam da mesma forma (ocorre queda da vogal nos três exemplos), não há motivação independente para a diferença em estrutura métrica como sucede numa análise pelo troqueu mórico ((x) para angulum e tribulam, e (x .) para viridem, em (19b)). Note-se ainda que, como a penúltima sílaba de angulum e tribulam não receberia escansão, pois seria pulada para evitar pés degenerados, seriam necessárias, sob uma análise pelo troqueu mórico, duas regras para abarcar as proparoxítonas com antepenúltima sílaba leve e pesada: apagamento do membro fraco do pé e apagamento da sílaba pulada. Sob uma análise pelo troqueu irregular, uma só regra, apagamento do membro fraco do pé, dá conta da síncope.

O processo de síncope, como demonstrado acima, aplicando-se depois de sílabas pesadas e leves indistintamente, só pode ser analisado como apagamento na posição fraca de um pé se um troqueu com expansão trimórica, isto é, o troqueu irregular, for permitido, o que não ocorre de acordo com a proposta mórica de Hayes

(1992). Com efeito, a síncope só pode ter como alvo posições fracas do pé se tanto a seqüência de uma sílaba pesada mais uma sílaba leve (totalizando três moras, como em *angulum* e *tribulam*) quanto a seqüência de duas sílabas leves (totalizando duas moras, como em *viridem*) constituírem troqueus quantitativos lícitos.

O segundo argumento diz respeito à redução de vogal,⁹ uma das partes envolvidas no processo de síncope. Conforme Hayes (1992, p. 83), fenômenos como alongamento e redução de vogal, que aumentam o contraste de duração, são típicos de línguas que têm agrupamento de duração irregular e proeminência final, ou seja, línguas de ritmo iâmbico. Esses fenômenos, entretanto, de forma geral, não ocorrem em línguas trocaicas, caracterizadas pelo troqueu mórico e pelo troqueu silábico, uma vez que eles aniquilariam a duração regular que é característica do ritmo trocaico. Em alguns sistemas de troqueu mórico, ocorre encurtamento de vogais acentuadas, conforme o referido autor, mas nada é dito sobre vogais não-acentuadas, caso das vogais afetadas por síncope; em sistemas de troqueu silábico, é raro ocorrer redução de vogais não-acentuadas. Isso significa que uma língua que apresente redução de vogal é mais bem analisada por um pé de duração irregular. Esse pé, no caso do latim clássico, é o troqueu irregular, um pé marcado por ter proeminência inicial, o contrário do que seria esperado de um pé de duração irregular, decorrente do ritmo iâmbico.

O terceiro argumento em favor do troqueu irregular diz respeito à possibilidade de descrever a evolução da estrutura métrica do latim clássico para o latim vulgar¹⁰ como uma mudança de um sistema de acento marcado para um não-marcado. Devido ao processo de síncope, que apagou as vogais penúltimas postônicas em proparoxítonas, e ao fato de as distinções de quantidade vocálica terem sido substituídas por distinções de qualidade, as últimas duas sílabas

⁹ Pressupomos a ocorrência da redução de vogal antes do apagamento, no processo de síncope, mas, neste trabalho, não nos deteremos na redução.

¹⁰ Apesar de ter coexistido com o latim clássico, o latim vulgar é considerado um segundo estágio para fins de descrever as mudanças que estavam se processando na língua.

das palavras em latim vulgar consistiram em uma sílaba que era extramétrica em latim clássico e um pé acentuado monossilábico, resultante de um pé dissilábico cujo membro fraco foi apagado por síncope. Essas duas sílabas passaram a ser interpretadas, em latim vulgar, como um único pé insensível à quantidade, com cabeça à esquerda, ou seja, um troqueu silábico. Assim, o acento em latim vulgar pode ser analisado pela atribuição de um troqueu silábico (TS) da direita para a esquerda e pela aplicação da Regra Final (RF). Vejamos, então, como ficam as estruturas métricas de alguns exemplos de palavras resultantes do processo de síncope (anglu (<*āngŭ*<*lum*>), virde (<*vīrī*<*dem*>), tribla (<*trībŭ*<*lam*>)). Ressaltamos que, agora, a sílaba final não é mais extramétrica.¹¹

(20)	an glu	vir de	tri bla
TS	(x .)	(x .)	(x .)
RF	(x)	(x)	(x)

Essa evolução poderia ser descrita, dentro da proposta de 1992, de Hayes, como uma evolução de um troqueu mórico com extrametricidade da sílaba final (latim clássico) para um troqueu silábico sem extrametricidade da sílaba final (latim vulgar). Entretanto, uma vez que o troqueu irregular é um pé marcado por se desviar da lei do ritmo iâmbico,¹² já que tem proeminência inicial, quando deveria ter proeminência final por ter contraste de duração, e o troqueu silábico é um pé não-marcado por se adequar à lei do ritmo trocaico, já que tem

¹¹ A regra do acento em latim vulgar não inclui a extrametricidade como regra geral, embora admitamos que possa existir lexicalmente. De fato, apesar de a queda da vogal postônica ser comum, existem alguns exemplos em que a vogal se conservou, como *populu* > *povo* (arc.) > *povo* (MAURER JR., 1959, p. 19). Exemplos como esse entram no léxico marcados pela extrametricidade na sílaba final.

¹² Lei Iâmbico-Trocaica (Hayes, 1992, p.80)

a) Elementos que contrastam em intensidade naturalmente formam agrupamentos com proeminência inicial.

b) Elementos que contrastam em duração naturalmente formam agrupamentos com proeminência final.

proeminência inicial, seria muito interessante expressar a mudança na regra de acento do latim clássico para o latim vulgar como uma evolução de um sistema de acento marcado para um não-marcado, o que não é possível de se fazer dentro da proposta de 1992, de Hayes, porque o troqueu mórico não é inerentemente mais ou menos marcado do que o troqueu silábico.

Quando tratamos do acento em latim vulgar, vimos que este recai sobre a mesma sílaba que era portadora do acento em latim clássico, excetuando-se três casos particulares, em que ocorre mudança de acento da antepenúltima (latim clássico) para a penúltima (latim vulgar): quando a vogal da penúltima sílaba é breve em latim clássico e seguida de um grupo consonântico de oclusiva + r em palavras de três ou mais sílabas; em casos de recomposição; quando há um e ou i breves em hiato na antepenúltima sílaba, com uma vogal seguinte breve. Trazemos aqui alguns exemplos: *ténebras* > *tenebra*, *cóntinet* > *contínet*, *mulíerem* > *muliere*.

A tendência em direção à paroxítonia, revelada pela mudança de acento da antepenúltima para a penúltima sílaba, é confirmada pela transformação de proparoxítonas em paroxítonas através da síncope. Por isso, acreditamos que o pé em latim vulgar é insensível à quantidade, um troqueu silábico. Vejamos mais alguns exemplos (tomados do Appendix Probi (Silva Neto, 1946, p. 129-256), de Maurer Jr. (1959, p. 16, 19, 68-69) e de Tarallo (1990, p. 99)) com suas respectivas escansões métricas, onde TS = troqueu silábico e RF = Regra Final (a) *integro* (<*intě*<*grum*>), *tenebra* (<*těně*<*bras*>), *muliere* (<*mŭliě*<*rem*>); b) *triclinu* (<*triclīnī*<*um*>), *mortu* (<*mōrtŭ*<*um*>), *cardu* (<*cārdŭ*<*um*>); c) *amore* (<*amō*<*rem*>), *caballu* (<*cabāl*<*lum*>), *maturu* (<*matū*<*rum*>).

(21)	a) in te gru	te ne bra	mu li e re
TS	(x .)	(x .)	(x .)
RF	(x)	(x)	(x)

	b) tri cli nu	mor tu	car du
TS	(x .)	(x .)	(x .)
RF	(x)	(x)	(x)

	c) a mo re	ca bal lu	ma tu ru
TS	(x .)	(x .)	(x .)
RF	(x)	(x)	(x)

Em (21a) apresentamos exemplos em que houve mudança de acento da antepenúltima para a penúltima; em (21b), exemplos em que houve queda da vogal átona em hiato; em (21c), exemplos em que o acento permaneceu na mesma posição que em latim clássico (penúltima sílaba).

6 Conclusão

Para concluir, acreditamos que o troqueu irregular é o pé mais adequado para caracterizar o padrão acentual do latim clássico, uma vez que permite declarar a síncope como um processo baseado no pé, pois como o troqueu irregular não leva em conta o peso da sílaba-cabeça, as proparoxítonas com antepenúltima sílaba leve ou pesada recebem estrutura métrica igual, (x .), permitindo demonstrar o apagamento da vogal penúltima postônica como o apagamento do membro fraco de um pé. Outro motivo para a opção pelo troqueu irregular para o latim clássico é que redução de vogal, uma das partes envolvidas no processo de síncope, é típica de línguas caracterizadas por pés de duração irregular. Por último, mostramos que uma análise do latim clássico pelo troqueu irregular e do latim vulgar pelo troqueu silábico permite expressar a evolução do latim clássico para o latim vulgar como uma mudança de um sistema de acento marcado para um não-marcado.

BIBLIOGRAFIA

FARIA, Ernesto. Fonética histórica do latim. 2. ed. (2. reimpressão). Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

HAYES, Bruce. A metrical theory of stress rules. Bloomington, Indiana: Indiana University Linguistics, Club, 1981.

_____. Metrical stress theory: principles and case studies. Draft: [s.n.], 1992.

ILARI, Rodolfo. Lingüística românica. São Paulo: Ática, 1992.

JACOBS, Haike. On markedness and bounded stress systems. *The Linguistic Review*, n. 7, p. 81-119, 1990.

LIBERMAN, Mark; PRINCE, Alan. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass., v. 8, n. 2, p. 249-336, 1977.

MAURER JR., Theodoro Henrique. Gramática do latim vulgar. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MESTER, R. Armin. The quantitative trochee in Latin. *Natural Language & linguistic theory*. n. 12, p. 1-61, 1994.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, Carolina. Lições de filologia portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13) seguidas das lições práticas de português arcaico. Lisboa: Nova Edição da 'Revista de Portugal' - série A - Língua Portuguesa, 1956.

NUNES, José Joaquim. Compêndio de gramática histórica portuguesa - fonética e morfologia. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, [1969].

QUEDNAU, Laura Rosane. O acento do latim ao português arcaico. 2000. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SILVA NETO, Serafim da. Fontes do latim vulgar (o Appendix Probi). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

TARALLO, Fernando. Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1990.

WILLIAMS, Edwin B. Do latim ao português - fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Traduzido por Antônio Houaiss. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.